

NOVEMBRO – 1979

Minas ganha mais uma greve

Os operários da Belgo Mineira tiveram 114% de aumento. E nem fizeram piquetes.

UMA GREVE HISTÓRICA PARALISA GUARULHOS



Apesar da violenta repressão policial, os metalúrgicos pararam quase tudo. Os patrões pagam caro a sua intransigência e os trabalhadores ganham maior consciência de sua força e fortalecem sua organização. A história da greve está nas páginas 4 e 5.

O REPÓRTER
de GUARULHOS
O jornal da cidade

ANO III — nº 19 novembro de 1979 Cr\$ 3,00

Luta contra o aeroporto "pega fogo"



Prossegue a campanha contra o aeroporto. Para o dia 11 está marcada nova manifestação no Parque São Luís. Pág. 3

João Moreira Luna, presidente da Câmara Municipal, é «persona non grata» para os metalúrgicos. Ele negou-se a ceder a Câmara, caso houvesse uma intervenção no Sindicato. Outros políticos também estão na mira dos trabalhadores. Pág. 2

A novela da condução parece que nunca chegará ao final. Cada dia que passa, mais e mais leitores reclamam da demora e das péssimas condições dos ônibus. Desta vez Santa Terezinha e Santa Cecília dão suas broncas. Pág. 7

A vida e a luta de um homem da Oposição. As idéias de um líder preocupado com sua classe. A última entrevista de Santo está na pág. 8

POLITICA

Manobra infeliz desacredita Luna

O presidente da Câmara Municipal, vereador João Moreira Luna, foi considerado «persona non grata» e inimigo da categoria metalúrgica da cidade. Daqui para a frente, a grande maioria dos metalúrgicos está empenhada na divulgação dessa nova conquista do vereador, a fim de evitar que ele conquiste votos de trabalhadores nas futuras eleições que disputar.

A decisão de considerar João Moreira Luna «persona non grata» e inimigo dos metalúrgicos foi tomada em decorrência de sua negativa em franquear as dependências da Câmara para a realização de reuniões pelo Comando da recente greve, da categoria na hipótese de intervenção no Sindicato.

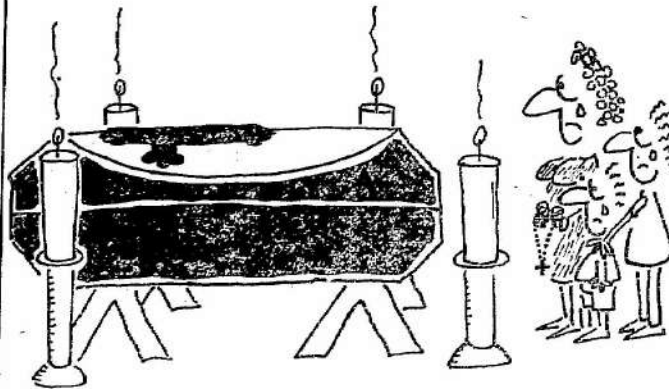
Para justificar a recusa do pedido para utilização das dependências do Legislativo, João Moreira Luna argumentou que havia impedimento regimental, matéria pouco conhecida até por vereadores, quanto mais por metalúrgicos.

Essa foi a sua infelicidade, porque os operários podem não conhecer o Regimento Interno da Câmara, mas não têm fraca memória. Os interessados lembraram ao presidente na mesma hora, que anteriormente o plenário da Casa havia sido utilizado para reuniões do Comitê da Anistia, dos dois partidos políticos e também de um vereador da Arena com feirantes em greve. Daí para a decisão altamente política de considerá-lo «persona non grata» e inimigo dos trabalhadores foi um simples passo.

O desagrado dos metalúrgicos contra João Moreira Luna poderia ser extensivo a outros políticos de Guarulhos, especialmente aos vereadores que no dia 31 de outubro negaram número para a realização da sessão ordinária da Câmara, com receio de que os trabalhadores aparecessem por lá para pressionar.

Da relação de «personas non gratas» e inimigos dos metalúrgicos só deveriam ser excluídos, salvo erro de avaliação, o prefeito Néfi Tales, que se prontificou em ceder o estádio municipal, os vereadores Kan Kise, Valdomiro Veloso e Otoyá Sato, que deram razoável cobertura aos grevistas, e o deputado Francisco Dias, que interferiu junto às chamadas autoridades policiais objetivando a libertação de todos os presos.

NO BRASIL NÃO EXISTE
PENA DE MORTE;



...A MENOS QUE VOCÊ
SEJA UM PIQUETEIRO...

Celmo

Avanço da luta faz recuar a repressão

Mais de 30 mil pessoas foram às ruas para protestar contra a morte de Santo Dias da Silva, covardemente assassinado por policiais, e para exigir justiça. A multidão que saiu da igreja da Consolação até a Praça da Sé era composta não só de metalúrgicos, companheiros de Santo. Ali estavam trabalhadores de todas as categorias, donas de casa, estudantes, religiosos, líderes sindicais, políticos; enfim, representantes de quase todos os setores da vida brasileira.

A grande imprensa, como sempre, tentou diminuir o significado da manifestação, apresentando fatos e números distorcidos. Os grandes jornais falaram em 16 mil, 10 mil e até em 3 mil manifestantes numa evidente demonstração de má fé, da mesma forma como já haviam divulgado números incorretos, muito abaixo do real, sobre a paralisação nas fábricas de Guarulhos e São Paulo. Mas, a verdade é que na manifestação do dia 31, os trabalhadores brasileiros e outros setores da sociedade fizeram o primeiro grande protesto contra a violência da ditadura. Violência que tira a vida de operários combativos que nada mais fazem do que defender seus direitos como a luta por melhores salários e melhores condições de vida. Outros já tombaram antes de Santo e a repressão pode fazer ainda muitas outras vítimas.

É preciso que o sacrifício do companheiro sirva de exemplo para fazer avançar a luta dos trabalhadores, por que só assim será possível

evitar novas mortes e acabar de vez com a violência contra a classe operária. É no trabalho diário nas fábricas, nos sindicatos, nos bairros, debatendo os problemas e organizando que construiremos as bases de uma sociedade mais justa. Essa sociedade só virá com o governo dos trabalhadores. Mas essa é uma luta que vai ser travada em vários níveis e que ainda leva tempo. Até lá não se pode ficar de braços cruzados. É hora de agir, criando instrumentos que permitam ao trabalhador se defender da violência do governo dos patrões.

E, nesse sentido, algumas medidas podem ser tomadas, aproveitando-se a mobilização resultante da greve. Em primeiro, é necessário exigir a mais completa apuração das circunstâncias que envolveram a morte de Santo e a rigorosa punição dos assassinos. Isso é possível desde que os trabalhadores passem a pressionar governo e justiça, não perdendo de vista o processo que está sendo instaurado sobre o caso. Uma sugestão é que os Comandos de Greve de Guarulhos e São Paulo se transformem, quando o movimento acabar, em comissões fiscalizadas que, com a assessoria de advogados, acompanhem o processo de perto, denunciando possíveis manobras para encobrir a verdade e evitando que o caso caia no esquecimento. Esclarecer a morte e punir os culpados é o primeiro passo para honrar a memória de Santo e mostrar que seu sacrifício não foi em vão.

Santo vive na luta de seus companheiros

Santo Dias da Silva, além de militante ativo da Oposição Sindical de São Paulo, era coordenador das Comunidades de Base da Arquidiocese de São Paulo e representante operário junto à CNBB. Logo após sua morte a Arquidiocese divulgou uma nota que transcrevemos abaixo:

A CLASSE OPERÁRIA PERMANECE VIVA

O companheiro Santo foi assassinado pela repressão às 14 h. do dia 30 de outubro de 79. Mataram-no com tiros em frente a fábrica Sylvan em Santo Amaro. Foi covardemente baleado por policiais no momento em que cumpria as resoluções da assembleia da categoria metalúrgica. Assembleia que deflagrou a Greve Geral a partir das 22 h. do dia 28 de outubro. SANTO, calmamente, como era seu jeito, orientava seus companheiros na porta da fábrica, mantendo-os firmes na greve e sem aceitar provocações.

Por lutar, como todos os trabalhadores, por melhores dias para o povo brasileiro, SANTO foi assassinado.

Nessa luta, a Classe Operária defende os seus direitos, faz ouvir sua voz, desmascara a política salarial do governo, para as máquinas, deixa os patrões em desespero — a ponto de chamarem a polícia para atirar em trabalhadores que, como SANTO, ostentam a mais poderosa arma: CONSCIÊNCIA DE CLASSE!

Condenados à fome, os operários fazem greve. Silenciados pela repressão, os operários ocupam as ruas. Presos, os operários ganham mais força para continuar a luta. Perseguidos, os operários se enchem de coragem. Assassinados, eles se multiplicam numa multidão viva e combativa. Um operário que tomba na luta faz nascer mil operários comprometidos com a mesma luta.

A classe operária é imbatível. Ela não morre nunca. E o seu futuro tem um nome: LIBERDADE!

COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

O REPÓRTER de Guarulhos

Editora Cabuçu Ltda.
Rua Luiz Faccini, 597 -
sala 32.

CEP — 07000
Responsável: Névio R. Gomes.
Impressão e Composição: Diários Associados
Rua 7 de Abril, 230 -
São Paulo.

Guarulhos faz passeata para protestar contra o aeroporto

O movimento contra a instalação do aeroporto metropolitano em Cumbica está ganhando cada vez mais força. Apesar do decreto governamental declarando de utilidade pública uma área de 4,1 quilômetros quadrados na região para desapropriação. Na verdade, o decreto e as declarações das autoridades irritaram ainda mais os moradores da região de Cumbica.

E para mostrar ao governo que Guarulhos não quer o aeroporto será realizada no dia 11 de novembro uma grande manifestação pública de protesto, preparada pela Comissão de Defesa dos Desapropriados de Cumbica, para a qual foram convidadas várias personalidades que se destacaram nas lutas pelos interesses da população explorada. Mas antes de convocar grande passeata, a Comissão realizou dezenas de encontros e reuniões com moradores de diversos bairros de Guarulhos, principalmente os que mais serão atingidos pela construção do aeroporto.

Uma prova de que o movimento contra o aeroporto está crescendo e a participação cada vez maior na campanha de moradores de bairros do outro lado da base aérea de Cumbica, como Vila Fátima e Cocaia, e a adesão de diversas entidades. Os moradores desses bairros sabem que mesmo que não sofram o perigo de desapropriações, serão atingidos por outros tipos de problemas, também graves, como a poluição sonora e ambiental, que prejudicarão ainda mais suas condições de vida já muito difíceis.

Só para se ter uma idéia de quanto será prejudicial a poluição sonora que certamente afetará a saúde dos moradores, o máximo de intensidade de ruídos que o ouvido humano pode suportar comodamente é de 60 decibéis, o que equivale a uma conversa normal entre pessoas. Um escapamento de caminhão pode atingir até 90 decibéis e o ruído de uma avião a jato ultrapassa de longe os 140 decibéis, o que é insuportável.

O secretário dos Transportes, Leon Alexandr, disse que nas fotos aéreas tiradas da região que será desapropriada foram verificadas cerca de 1.100 construções, sendo que só 800 são residências «e o resto é galinheiro». Isso causou profunda indignação entre os moradores da região, pois todos sabem que debaixo desses «galinheiros» moram seres humanos, famílias inteiras que não têm condições de morar em uma casa melhor.

Tanto a Comissão como os moradores da região de Cumbica têm certeza que vão impedir a construção do aeroporto e para isso vão continuar na luta até o fim, conscientizando e organizando a população na defesa de seus legítimos interesses



Trapaça da família Maluf

Incrustado no Parque São Luis, ha uma vizinhança de casas gêmeas e pequenas, humildes, que acabou ficando com o nome de «Conjunto Lutfalla», justamente por ser de propriedade da família da mulher do governador Paulo Salim Maluf. Os 300 moradores dessa vila também correm o risco de serem desapropriados para a construção do aeroporto.

Só que, além disso, têm um outro problema grave: se forem desapropriados, esses moradores poderão não receber um níquel sequer de indenização, pois nenhum deles tem título de propriedade das casas onde moram. Eles possuem apenas título de posse. Segundo dizem, eles vinham pagando as prestações das casas até que, de repente, a Lutfalla parou de receber e deixou a vila no mais completo abandono.

Os moradores, que já haviam pago uma parcela do valor de suas casas, continuam pagando imposto pra Prefeitura em nome

da Lutfalla e não sabem o que fazer para regularizar sua situação. Muitos deles já gastaram muito dinheiro em conservação e reformas dos imóveis.

Dona Angelita Urbano de Souza, mãe de quatro filhos, mora há dez anos no «Conjunto Lutfalla» e não sabe o que fazer se for desapropriada: «Somos pobres mas a gente vai zelando pelo lugarzinho que mora. Sabemos que isso não é da gente e também não queremos de graça. Um dia podemos comprar nossa casa de acordo com nossas posses. Agora, se a gente for desapropriada, não sei o que será de nós.»

Todos os moradores da vila estão revoltados com a decisão do governo de Maluf. Aureliano Gonçalves dos Santos, por exemplo, deu 14 mil de entrada na casa e já gastou 51 mil cruzeiros com reformas e pode perder tudo se o aeroporto vier pra cá. Indignado, ele desabafa: «Quero que o Maluf venha aqui ver a cachorada que a família dele fez.»

Vereador mente

O governo acabou reduzindo a área para a construção do aeroporto de Cumbica de 37 para 14 quilômetros quadrados.

Demonstrando total desprezo ao povo guarulhense e às pessoas que se organizaram e lutam desesperadamente para não perder suas casas, alguns políticos inescrupulosos de Guarulhos têm utilizado esse fato em proveito próprio.

O vereador Alan, da Arena, por exemplo, foi a Brasília junto com a Comissão de Defesa dos Desapropriados na tentativa de convencer o ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Matos, a voltar atrás na decisão de construir aqui o aeroporto. Nesse encontro, em que Alan não abriu a boca, segundo os membros da Comissão, e só balançou a cabeça para concordar com o ministro, Délio Jardim de Matos anunciou a decisão de diminuir a área de desapropriação e apontou no mapa os bairros que não seriam mais atingidos.

De volta a Guarulhos, a Comissão marcou para o domingo seguinte uma concentração na igreja da Cidade Seródio para prosseguir a luta contra o aeroporto. E esse vereador, dias antes da reunião, percorreu o bairro com um altofalante anunciando cinicamente aos quatro ventos que ele, na ida a Brasília, havia conseguido impedir a desapropriação daquela área, pedindo ao mesmo tempo para a população não comparecer ao encontro porque ele seria político. Mas os moradores foram à reunião, para desmoralização do «vereador».

ISTO LHE INTERESSA

A polícia reprime em nome dos patrões

A repressão policial ao movimento grevista dos metalúrgicos foi uma das mais violentas dos últimos tempos. Mais uma vez o trabalhador foi tratado como marginal, e o governo com a sua polícia colocou-se ao lado dos patrões contra o movimento pacífico dos operários.

O direito dos operários fazerem greve existe e é respeitado em quase todos os países do mundo. A Constituição brasileira também garante ao trabalhador o direito de greve. Entretanto, as leis específicas que regulam o direito de greve fazem tantas exigências que na prática impedem o trabalhador de exercer este direito.

AS PRISÕES

Já nas primeiras horas da greve, no dia 29 de outubro, a polícia começou a prender indiscriminadamente todos os metalúrgicos que se dirigiam às portas das fábricas para informar aos companheiros que a greve tinha sido decretada. Em Guarulhos foram presos cinquenta metalúrgicos neste dia, e durante a semana este número chegou a noventa e três. O deputado estadual Geraldo Siqueira foi jogado no camburão, apesar de mostrar sua credencial de parlamentar e estar com o carro da Assembléia. Habeas Corpus Popular.

Diante deste quadro de prisões e ameaças, os advogados que assistem os metalúrgicos, além de procurarem libertar o mais rapidamente possível os operários presos, entraram com pedido de Habeas Corpus junto ao Tribunal de Justiça, contra o secretário de Segurança Pública, para que fosse garantido ao trabalhador o direito de andar livremente e inclusive ir às portas das fábricas conversar com seus companheiros. Na última quarta-feira o Tribunal de Justiça intimou o secretário de Segurança a prestar informações sobre a repressão em Guarulhos.

SEQUESTRO DA MULHER DO LÍDER DA OPOSIÇÃO

As nove horas de sexta-feira, dia dois de novembro, Maria da Luz Costa Nascimento, mulher de Roberto Passos Rodrigues do Nascimento, membro de Comissão de Salário e Mobilização do Sindicato dos Metalúrgicos de Guarulhos, saiu para ir à igreja e no meio do caminho foi cercada por um grupo de policiais femininas, levada para uma viatura da polícia e sequestrada por mais de uma hora. Durante este tempo, Maria da Luz recebeu avisos de que estavam de olho em seu marido e ameaças contra si e seu filho de sete anos de idade.

REPRESSÃO NAS FÁBRICAS

Dentro das fábricas os patrões ajudaram a polícia a aumentarem a repressão. Se por um lado tentaram, durante a greve, ser bonzinhos distribuindo lanches e fornecendo ônibus para ver o jogo do Brasil, por outro aumentaram a repressão. Na Flexforme quinze operários foram obrigados a assinar cartas de demissão do Sindicato sob a ameaça de serem despedidos; na Pérsico — Pizzamiglio, operários foram demitidos por terem esquecido o macacão.

A grande conquista da greve foi o avanço da consciên

Essa vitória os patr

Os patrões não acreditavam na força dos trabalhadores e pagaram para ver. E estão pagando caro o preço de sua intransigência. Os metalúrgicos de Guarulhos e São Paulo, depois de dois meses de negociações em que não receberam nenhuma proposta que satisfizesse o mínimo de suas reivindicações, decretaram greve geral da categoria a partir das 22 horas do dia 29 de outubro. Oito dias depois do início da greve, a paralisação era quase total nas fábricas de Guarulhos.

A campanha salarial metalúrgica deste ano vem sendo preparada há seis meses, com reuniões por setor e organização dentro das fábricas. Esse amplo trabalho de discussão permitiu o surgimento de um mínimo de organização indispensável para o prosseguimento da luta que, todos sabiam, principalmente a Oposição sindical, iria se tornar cada vez mais acirrada. A partir dessa organização, a mobilização da categoria começou a crescer cada vez mais, o que prova o número de metalúrgicos que compareceram às últimas assembleias antes da greve (cerca de 1.500) em comparação com as primeiras, em que a média de comparecimento era de 160 trabalhadores.

PATRÕES INTRANSIGENTES

Os metalúrgicos exigiam um aumento salarial de 43 por cento e piso de Cr\$ 7.200,00, além de um elenco de reivindicações, como comissão de fábrica, garantia de emprego etc. Os patrões, em contrapartida, sempre fizeram propostas abaixo do índice de inflação previsto para este ano e acabaram oferecendo 67 por cento



A presença nas assembleias foi tão grande que tinha metalúrgicos até no telhado.

escalonado e piso de Cr\$ 4.200,00 e se recusavam a falar em comissão de fábrica.

O primeiro dia de greve foi marcado por uma violenta repressão policial, impedindo o trabalho eficiente dos piquetes nas portas das fábricas, mas assim mesmo os trabalhadores conseguiram um bom índice de paralisação. Dezenas de fábricas foram totalmente paradas, como a Bardella, Iderol e Borlem, e outras trabalharam parcialmente, o que deu um índice de 60 por cento de paralisação, numa categoria de 55 mil trabalhadores. Mas algumas grandes empresas ainda continuavam trabalhando.

Na terça-feira, o movimento cresceu, com novas empresas paralisando o trabalho e já foi possível a realização de uma

grande assembleia, que contou com participação de mais de dois mil operários. Mas a repressão da polícia tornou-se violenta. Na quarta e quinta-feira o movimento decresceu, atingindo novamente os 60 por cento de fábricas paralisadas e 50 por cento da categoria em greve.

AUMENTA A ORGANIZAÇÃO

Todo esse período de segunda a quinta-feira foi marcado pela intensa atividade da Comissão de Mobilização no trabalho de organização dos trabalhadores por fábrica ou setor, na formação dos piquetes no fortalecimento das subseções de A. e São Miguel Paulista. Os feriados que seguiram serviram para reforçar o trabalho de organização e mobilização da categoria — cerca de 300 operários participaram ativamente e diariamente dessas dis-

Comitê presta solidariedade

No primeiro dia de greve, os metalúrgicos receberam a adesão e a solidariedade de entidades, grupos e pessoas que constituíram o Comitê de Apoio destinado à arrecadação de gêneros alimentícios, dinheiro e medicamentos para garantir a continuação do movimento até a vitória.

Em documento dirigido a toda a população o Comitê de Apoio denunciou a proposta patronal (66 por cento de aumento e piso de 4.200 cruzeiros) como «ridícula e enganadora frente ao brutal aumento do custo de vida» e condenou as demissões de operários grevistas, as prisões e o assassinato de Santo Dias da Silva pela polícia de São Paulo.

Mas a providência imediata mais concreta do Comitê foi a confecção de bonus, que começaram a ser vendidos ao preço de 10 cruzeiros, a instalação de postos de recebimento de alimentos e a abertura de uma lista de contribuições financeiras que foi subscrita em primeiro lugar pelo prefeito Nefi Tales.

Os postos de arrecadação funcionam na igreja de Vila Fatima, na Igreja Matriz, na sede da APEOESP — rua Luz Fátima, 597, no Diretório Acadêmico da FAU — Farias Brito e na sede do Sindicato.

Agreve também é das mulheres

As mulheres sofrem dentro de casa o custo do arrocho salarial. E na hora de comprar comida, dar o leite ao mais novo, arrumar o uniforme para a escola que a mulher vê a miséria que seu marido ganha. As esposas dos metalúrgicos de Guarulhos unidas aos seus companheiros na luta por melhores condições de vida e trabalho endereçaram a seguinte carta aos seus companheiros:

«Companheiros, nos que dia-a-dia sentimos a exploração na nossa carne e de nossos filhos. Porque o mísero salário pago, não dá nem para nossa sobrevivência, nos esposas de metalúrgicos estamos em total apoio, ainda que se já parecemos com a panela vazia.

Companheiros, estamos cientes da necessidade da luta e estamos juntos até o fim.

Não vamos fraquejar, não sejamos covardes que a vitória será nossa e de todas as famílias metalúrgicas de Guarulhos, se continuarmos unidos. Avante Companheiro.

Esposas dos metalúrgicos de Guarulhos.

Se você é esposa de metalúrgico ajude ao Comitê de Apoio conversando com seus vizinhos sobre a greve e recolhendo alimentos no seu bairro.

Pol e le

Na tarde de ontem até a noite, os vereadores da Câmara Municipal de São Paulo, para reunião de emergência com a polícia.

Após a morte de Lúcia, os três grupos de metalúrgicos que várias Praça Getúlio Dantas em

Desconfia operários de fora no ponto de ônibus de maior importância foram levado pelo Valdomiro Sato em seu

Dessa forma provável de evitar a

ção da consciência e da organização dos trabalhadores.

patrões não tiram

assembleia para avaliação e decisão da continuação ou não da greve.

GREVE SE ALASTRA

Todos os oradores ressaltaram nessa assembleia que o prosseguimento do movimento dependeria da adesão maciça de toda a categoria. O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, o Lula, que compareceu à assembleia, disse que «cada metalúrgico aqui presente tem de sair daqui e conseguir a adesão de 40 companheiros que estão trabalhando para a vitória da greve, pois ela será muito importante para o movimento operário brasileiro».

E na segunda-feira, dia 5, o movimento se alastrou e atingiu mais de 80 por cento da categoria. Às 5.30 da manhã, um piquete de 400 pessoas detiveram mais de cem ônibus no trevo de Cumbica e conseguiram parar todas as fábricas da região. No setor de Itapegica, a Olivetti parou sem piquetes e o movimento começou a atingir as grandes fábricas.

Na assembleia das 15 horas, a maior até então realizada, quatro mil operários decidem pela continuação da greve. Três mil trabalhadores saem em passeata pela Monteiro Lobato, ao final da tarde, e paralisam a Rio Negro, Mannesmann, Asea e Microlite. No final do dia, mais de cem fábricas estavam paralisadas.

Independentemente das conquistas econômicas, os metalúrgicos de Guarulhos já obtiveram uma vitória: começam a descobrir a força de sua organização e mobilização e quando tiverem de voltar às fábricas, retornarão de cabeça erguida.



os até no telhado.

bléia, que contou com a presença de mais de dois mil operários. Na quarta e quinta-feira, o movimento de fábricas paralisadas da categoria em greve.

TA A ORGANIZAÇÃO

período de segunda a quinta-feira pela intensa atividade da mobilização no trabalho de formação dos piquetes e em das subseções de Arujá Paulista. Os feriados que se passaram para reforçar a organização e mobilização da categoria de 800 operários participaram diariamente dessas discus-

sões e na distribuição de boletins de convocação nos bairros, de casa em casa, e até nas portas dos cemitérios.

E aqui já se percebe uma vitória do movimento sindical metalúrgico em Guarulhos, que, ao contrário do ganho puramente econômico, os patrões jamais conseguiram anular: o fortalecimento da organização e consciência dos trabalhadores de que o Sindicato não é um prédio ou uma diretoria, mas sim uma categoria inteira discutindo, decidindo e lutando pelos seus legítimos interesses.

Quando os patrões esperavam que o movimento grevista regressasse, a assembleia de domingo, dia 4, em que compareceram três mil trabalhadores, decidiu por aclamação continuar a paralisação e marcou para o dia seguinte uma nova

Polícia ataca e leva chapéu

Na tarde em que cerca de cem metalúrgicos formaram a Câmara Municipal acompanhando os vereadores Valdomiro Veloso, Kam Kise e Otava Sato para pedir as instalações da Casa para os membros do Comando de Greve em caso de intervenção do Sindicato, alguém deve ter avisado a polícia.

Após a negativa do presidente João Moreira Lima, os três vereadores iam saindo a frente do grupo de metalúrgicos e Valdomiro Veloso notou que várias viaturas policiais circulavam na Praça Getúlio Vargas, coisa que raro acontecia em dias de normalidade.

Desconfiado, o vereador ordenou que os operários ficassem dentro do prédio da Câmara. Foi ao ponto de táxi mais próximo, contratou os veículos disponíveis e providenciou a saída da maioria em grupos de três. Os que sobram foram levados para a sede do Sindicato pelo próprio Valdomiro Veloso, por Kam Kise e Otava Sato em seu carros particulares.

Dessa forma, os três vereadores frustraram o provável dode duro, deram um baife na polícia e evitaram a prisão dos trabalhadores.

Greve atropela direção pelega

Em São Paulo a greve viveu maiores problemas do que em Guarulhos. Mas, representou de forma indiscutível uma vitória da Oposição Sindical e das bases que atropelaram a direção do Sindicato, omissa e desacreditada. Muitos integrantes do Comando de Greve não vacilam em acusar a diretoria até de tentar boicotar o movimento. Em princípio, havia divergências quanto ao grau de paralisação das fábricas. Uns falavam em 50 por cento, outros chegavam a afirmar que era de 70 por cento.

A verdade é que a greve começou tímida, cresceu com o brutal assassinio de Santo e aumentou bastante a partir da última segunda-feira, quando o Comando de Greve calculou em 200 mil o número de trabalhadores parados. Além da diretoria do Sindicato, os metalúrgicos de São Paulo tiveram que enfrentar uma repressão mais violenta. No início da greve, a polícia ocupou as subseções do Sindicato e prendeu quase trezentas pessoas. Mesmo assim, os trabalhadores continuaram organizando os piquetes, mantendo a categoria mobilizada e deram a volta por cima. A existência dos Comandos Setoriais e a combatividade da Oposição foram os fatores fundamentais dessa greve.

Advocacia

J. C. MARINHO

João Carlos Marinho
Orlando Cruz Leite

Consultas trabalhistas
gratuitas

Rua Capitão Gabriel, 183 — 1º andar — salas 1 a 3 — Fone: 209-1868
Horário: das 9 às 11,30 horas e das 16.00 às 20.30 horas

Aos sábados atendemos no mesmo horário



MADEIRAS LÉO LTDA.
especialidades

Madeiras Compensados, Serrados, Anilomerados
Portas, Fôrmica, Eucatex, Duraploc, Duratex
Tabuas de Pinho, Formas para Concreto, Chapas Navais

FERRAGENS
SÃO PAULO
Rua do Guazimetro, nº 285 — Brás
PBX 229-4822

CAUSAS TRABALHISTAS

DR. SAMUEL SOLOMCA
Advogado

Levantamos seu FGTS (Fundo de Garantia) em qualquer código. Férins, 13º Salário, Aviso Prévio
Rua 9 de Julho, 175 — s/45
Fone: 209-2410
Prédio da Justiça do Trabalho Guarulhos

ANÚNCIOS POPULARES

INSTITUTO CLÍNICO RADIOLÓGICO DE GUARULHOS — Carteiras de Saúde, Abregrafia para fábricas, escolas, clubes, Detran etc. Chapas (Radiologia) em geral. Atendimento imediato. Entregas no mesmo dia. Rua Luiz da Gama, 141 — Centro — Guarulhos

SAPATARIA MOTTA — O rei dos tamanhos. Vendemos também sandálias, chinélos, sapatões, botas, bolsas. Fazemos consertos em geral. Aceitamos encomendas. Rua Corqueira César, 27 (quase esquina com Rua D. Pedro II), Guarulhos.

O REI DOS PINTOS — Rações, alimentos para pássaros, sementes, vasos, gaiolas, adubos e produtos veterinários. Grande variedade de mudas de plantas. Os melhores preços da praça. Avenida Monteiro Lobato, 28 — Guarulhos — Centro. Fone: 208-5410.

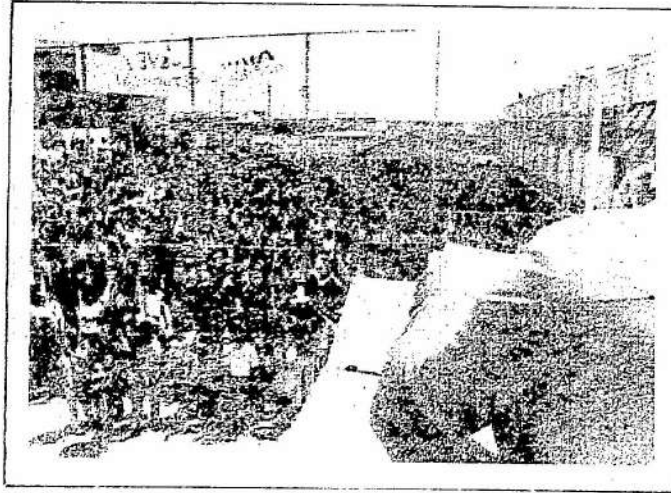
REFRIGERAÇÃO TABOÃO — Oficina especializada em conserto de geladeiras domésticas. Enrolamento de motores. Atendimento domiciliar. Garantia de assistência técnica. Rua B, nº 6, Jardim Kawamoto — Taboão — Guarulhos

Os metalúrgicos da Belgo Mineira cruzaram os braços dentro da fábrica E o patrão cedeu.

Em Minas, a grande conquista

No dia 19 de outubro as assembleias dos metalúrgicos dos municípios de João Monlevade e de Sabará decidiam o fim da mais vitoriosa greve dentre todos os movimentos grevistas atuais. Essa grande vitória só foi possível com uma greve «diferente». Não foi preciso nem piquetes: no dia 12 de outubro, os 4.300 metalúrgicos da Belgo Mineira, em João Monlevade, entravam nas empresas, batiam os cartões e cruzavam os braços. Um dia depois, mais 1.800 metalúrgicos do município de Sabará faziam o mesmo.

Após uma semana de «greve consciente» geral, como os próprios operários a chamaram, eles conquistaram o que nenhuma outra greve conseguiu arrancar dos patrões: aumentos reais de 114% a 82%, piso salarial de Cr\$ 5.200,00 e piso profissional de Cr\$ 9.000,00 (após 6 meses na empresa). Além desses aumentos, conquistaram adiantamentos trimestrais (derrubando na prática a política salarial do governo, que só autoriza aumentos semestrais), anuênio de 2% na punição aos grevistas etc. Quanto aos 7 dias parados, a empresa descontará apenas 3 dias, a partir de dezembro, mas esse dinheiro será aplicado na construção de casas para os operários.



E por que razão essa greve conquistou tudo isso, enquanto tantas outras greves, até mais longas, não conseguiram nem a metade? Em Betim, por exemplo, durante os 8 dias de greve (de 26/09 a 4/10), a violenta repressão aos piquetes — que também provocou a morte do operário Guido Leão dos Santos — enfraqueceu o movimento e os 18 mil metalúrgicos só conse-

guiram 64% de aumento e piso de Cr\$ 3.600,00. Não conquistaram a estabilidade para os delegados sindicais nem as comissões de fábrica.

A greve na Belgo Mineira foi muito melhor organizada, não precisou piquetes, porque todos pararam, e mesmo as principais reivindicações foram diferentes: 1ª) «Regulamentação da Comissão Partidária», e 2ª) «Participação de 15% nos

lucros da empresa». A «regulamentação da Comissão Partidária» foi parcialmente obtida. Essa Comissão formada por igual nº de operários e representantes dos patrões, dará poder aos operários para decidirem sobre diversas questões internas na empresa.

João Paulo Pires, líder do movimento e também presidente do sindicato dos metalúrgicos de João Monlevade, declarou que os patrões demoraram a aceitar essa Comissão porque sofreram pressões, inclusive dos empresários paulistas do Grupo 14 e do próprio ministro do Trabalho, Murilo Macedo.

Quanto à reivindicação dos operários de receberem parte do lucro da empresa, é lógico que os patrões se apavoraram. Uns dias antes de ser iniciada a greve, João Paulo Pires, informava aos operários que só no ano passado a Belgo havia distribuído Cr\$ 810 milhões entre seus diretores. Isso prova que cada um dos empregados da Belgo havia dado um lucro líquido de mais de Cr\$ 85 mil aos patrões. E essa consciência de que o trabalho dos operários é que produz tanto lucro aos patrões e o alto nível de organização para que a greve fosse geral é que deram força ao movimento e medo nos donos da Belgo Mineira.

I Semana de Arte Nordestina 3 a 10 Novembro

Dia 03.11.79 (sábado)

15:00 horas: Sessão Solene na Câmara Municipal.
17:00 horas: Revoada de Pombos. Solenidade de Abertura da Exposição Artesanal. Apresentação da Banda da Febrar.
18:00 horas: Abertura da Feira Nordestina e Artesanal.
19:00 horas: Repentistas.
20:00 horas: Renato Leite e seu Farrô.

Dia 04.11.79 (domingo)

19:00 horas: Repentistas.
19:30 horas: Coral Municipal.
20:00 horas: Jackson do Pandeiro.
21:00 horas: Renato Leite e seu Farrô.

Dia 05.11.79 (2ª-feira)

19:00 hs: Repentistas.
19:30 hs: Trio Petrolina.
20:00 hs: Condômbê.
21:00 hs: Renato Leite e seu Farrô.

Dia 06.11.79 (terça-feira)

19:00 hs: Repentistas.
19:30 hs: Mirim.
20:00 hs: Capoeira, Maculelê e Puxada de Rede.
21:00 hs: Renato Leite e seu Farrô.

Dia 07.11.79 (quarta-feira)

19:00 horas: Repentistas.
20:00 horas: Titulares do Ritmo.
21:00 horas: Renato Leite e seu Farrô.

Dia 08.11.79 (quinta-feira)

19:00 horas: Repentistas.
20:00 horas: Banda de Pifanos.
20:30 horas: Banda de Pau e Corda.
21:00 horas: Renato Leite e seu Farrô.

Dia 09.11.79 (sexta-feira)

19:00 horas: Repentistas.
20:00 horas: Dominginhos.
21:00 horas: Renato Leite e seu Farrô.

Dia 10.11.79 (sábado)

19:00 horas: Repentistas.
20:00 horas: Coral Municipal.
20:30 horas: Frevo.
21:00 horas: Luiz Gonzaga.

Comidas típicas, artesanato, feira popular

COMPAREÇA
PROMOÇÃO:
Prefeitura Municipal de Guarulhos
Homenagem à
Colônia Nordestina

Praça Getúlio Vargas

NOTA OFICIAL POR QUE NÃO QUEREMOS O AEROPORTO

O prefeito Néfi Tales em face do decreto do governador do Estado considerando a área de Cumbica de utilidade pública para a construção do novo Aeroporto Metropolitano de São Paulo, com o objetivo de esclarecer a opinião pública reafirma o seguinte:

1. A posição de Guarulhos continua a mesma, ou seja contra a construção do Aeroporto naquela área;
2. Guarulhos não quer herdar o problema dos desapropriados e por isso mesmo pede justiça, pois muitos moradores da região não possuem condições econômicas para adquirir novo imóvel;
3. A cidade de Guarulhos não quer a poluição sonora, que realmente atormenta e como exemplo disso temos a revolta da população de Congonhas;
4. Com esse decreto, a região de Cumbica-Guarulhos volta a sofrer novo retrocesso, nada podendo ser feito em benfeitoria e construções, tais como escolas, pavimentação, iluminação e instalação de indústrias;
5. O Aeroporto não trará empregos suficientes, pois ele é essencialmente técnico, exigindo apenas pessoal especializado que é em pequeno número. As indústrias que se instalassem na região sim, trariam milhares de empregos.
6. O prefeito de Guarulhos e a população continuarão unidos na escolha da melhor solução.

a.) NEFI TALES
Prefeito Municipal

O REPÓRTER NOS BAIRROS

Os moradores do Jardim Santa Cecília estão sendo vítimas do «conto da Condução». Há muito tempo que a Sociedade Amigos do Bairro, fundada e mantida pelos moradores do Jardim, vem pleiteando uma linha de ônibus. O bairro, situado atrás do Paraventi, existe há mais de 15 anos e não tem nenhum tipo de comunicação com Guarulhos ou São Paulo.

No início deste ano, os diretores da SAB procuraram o sr. Paschoal Thomeu e arrancaram dele a promessa de que, se a Prefeitura arrumasse a avenida que liga o bairro ao Jardim Santa Clara, ele estenderia a linha do Paraventi até lá. Animados, os diretores passaram a reivindicar para que a avenida Dois fosse deixada em condições de tráfego para os ônibus, até que conseguiram que a Prefeitura arrumasse a citada avenida. Certos de que já podiam contar com a linha de ônibus voltaram a procurar os diretores da EOG. Só que desta vez a receptividade não foi a mesma. Sem uma boa desculpa a Empresa de Ônibus de Guarulhos se limitou a ignorar o pedido.

Sem desanimar, os moradores procuraram a Empresa de Ônibus Vila Galvão. Conversaram com o sr. Garcia, responsável por novas linhas e ampliações, que se mostrou interessado em obter a concessão da linha do Jardim Santa Cecília. «Nós temos uma linha deficitária no Bom Clima e temos ônibus sobrando, é só pedir que teremos o maior interesse em atender». O pedido foi feito e encaminhado à Prefeitura. Nesse momento os moradores tiveram a certeza de que após tantos anos teriam finalmente a tão desejada linha de ônibus. Mal sabiam eles que a novela estava apenas começando.

A Prefeitura, atendendo as pressões do sr. Paschoal Thomeu, não autorizou a concessão da linha para a Vila Galvão. Agora os moradores ficaram no matto sem cachorro: a empresa Guarulhos não coloca ônibus e nem deixa a Vila Galvão pôr.

O Jardim Uirapuru logo vai ter a sua igreja. A Comunidade Eclesial de Base lançou, há poucos dias, a pedra fundamental da igreja, que será construída em um terreno que fica em frente da escola do bairro. Atualmente a comunidade não tem local para reuniões, apesar de ser uma das mais atuantes e combativas de Guarulhos.

Ônibus estão sumindo do Jardim Santa Terezinha

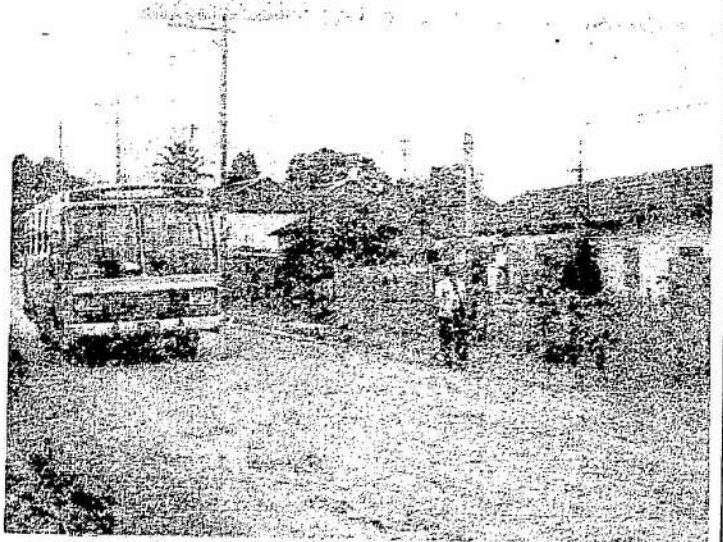
«Nós gostaríamos muito que os políticos de Guarulhos tentassem tomar um ônibus aqui no Jardim Santa Terezinha, às seis horas da manhã pra eles sentirem o que é a vida do trabalhador daqui», declara José Francisco dos Santos, morador do bairro, que como todos os que moram ali não suportam mais as péssimas condições da condução que os transportam até as fábricas onde trabalham.

«O negócio é o seguinte», diz ele, «aqui só tem três ônibus, durante a semana passa de 40 em 40 minutos; e dois no sábado e domingo que passam de uma em uma hora. Resultado: os ônibus estão sempre lotados, principalmente às 5 e 6 horas da manhã, que é o horário que todo mundo está indo pro trabalho».

«Pra você ter uma idéia», prossegue ele, «a gente fica dez minutos em média, só pra subir no ônibus. Se não fosse os motoristas, que cooperam e esperam todo mundo subir, não sei o que seria da gente». Os moradores estão reclamando também da novidade que a empresa arranjou agora: não tem mais cobrador. Quem cobra as passagens é o próprio motorista. Isso significa que para eles descerem do ônibus têm que perder muito mais tempo. A roleta na frente atrapalha todo mundo e eles acabam perdendo a hora no serviço».

Segundo eles, há dez anos que a Prefeitura vem prometendo mais uma linha de ônibus para o bairro, que deveria ir até o metrô, em São Paulo. Eles não têm mais esperança, só pedem que «pelo menos até o centro de Guarulhos, aumentem o número de carros, porque desse jeito não está dando».

«Aliás, não é só ônibus o que está faltando aqui. Nós não temos posto de saúde, policiamento, nem sequer um telefone público. Você vê essa Estrada de Itaberaba, onde passam os ônibus, quando chove é uma calamidade pública, nem cobra anda por isso aí. Mas o principal problema é mesmo a condução. Como é que a gente vai trabalhar em ônibus lotado desse jeito? Quem é que aguenta uma vida dessas?»



O repórter precisou esperar 55 minutos para bater esta foto.

Sinfônica festeja o seu aniversário

Dia 11 deste mês, Guarulhos vai viver um acontecimento musical muito importante: a Orquestra Sinfônica de Guarulhos estará se apresentando num Grande Concerto Popular, no auditório Guimarães Rosa, da Faculdade de Direito. Mais importante que a apresentação, no entanto, é o seu significado. O concerto marca os dez anos de existência da Orquestra Sinfônica.

A orquestra nasceu em setembro de 1969 graças ao trabalho do maestro Nasari Campos, que é o seu diretor artístico e regente titular até hoje. E não é preciso muito esforço de imaginação para se calcular as dificuldades que a orquestra enfrentou até se consolidar. Num país onde as atividades culturais e artísticas são relegadas a um segundo plano, a existência de uma Orquestra Sinfônica fora dos grandes centros, não deixa de se constituir numa proeza e num exemplo de obstinação. Em

princípio, a atividade da orquestra foi um verdadeiro e paciente trabalho artesanal, dada a necessidade de se adaptar as partituras aos instrumentos disponíveis na época, nem todos apropriados à constituição de uma Sinfônica. Aos poucos, a orquestra foi se transformando num verdadeiro laboratório de pesquisa, ganhando força e desenvolvendo a criatividade de seus músicos.

Hoje, além de Guarulhos e São Paulo, a orquestra é conhecida em várias cidades do interior de São Paulo onde tem se apresentado com sucesso, como São José dos Campos, Taubaté, São Bernardo, Caraguatatuba, Guaratinguetá, São Carlos, Votuporanga e muitas outras. O concerto de comemoração aos dez anos da Sinfônica será às 6 horas da tarde do dia 11, sob a regência do maestro Nasari Campos. A Faculdade de Direito fica na rua Solon Fernandes, nº 155.

LACORDAY ANDRADE

ADVOCACIA
QUESTÕES DE FAMÍLIA
E DE IMÓVEIS

Consultas não são cobradas. Atendimento diário de 2ª a sábado, das 7,30 às 10,00 horas. Com hora marcada (mesmo por telefone), após às 17,00 horas.
Fones: 209-1997 e 209-0044
Rua D. Pedro II, 334 — 2º andar — cj. 205 — Guarulhos

Dr. José Humberto Costa

CIRURGIAO
DENTISTA

Av. Silvestre Pires de Freitas, nº 111
(Perto da Praça 8 de Dezembro)
Taboão — Guarulhos

O REPÓRTER

Documento

ANO III — n.º 19 novembro de 1979 Cr\$ 3,00

O pensamento de um autêntico líder operário

O REPÓRTER DE GUARULHOS publica uma das últimas entrevistas de Santo Dias da Silva, líder metalúrgico assassinado na 42ª hora da greve



Praça da Sé: 30 mil pessoas protestam contra a morte de Santo.

—Primeiro foi o trabalho no campo. Terra Roxa, interior do Paraná. Ali SANTO DIAS DA SILVA começou sua vida e sua luta. Vida dura, de pequeno camponês, de boia-fria. Um caminho penoso até chegar a líder da Oposição Sindical Metalúrgica. Depois, a cidade onde as coisas não eram muito diferentes. Na fábrica a exploração era mais direta e mais sentida. E é na fábrica que Santo percebe a necessidade de organizar seus companheiros para lutar por melhores condições de trabalho e salários e criar um Sindicato forte e atuante na defesa dos interesses da classe operária. Em maio deste

«A gente se entusiasmou mais com as Oposições, a gente se encontrava e discutia...»

ano, Santo Dias da Silva foi entrevistado pelos sociólogos Lia Zats e Sérgio Sister. Desse trabalho, publicamos alguns trechos onde Santo fala de sua participação na luta dos trabalhadores.

P — Como é que se deu sua entrada no Sindicato?

R — «Em 1960, quando houve aquela movimentação toda, em Osasco e aqui no 1º de Maio, a gente se entusiasmou mais com as Oposições. Então eu já entrei mesmo foi como Oposição. Eu tinha contato com companheiros da fábrica e tinha informação da Oposição em 67, quando ela concorreu às eleições pela primeira vez. Naquela época era de dois em dois anos. Ai me interessei, fiquei sócio. Mesmo antes de 69, eu tentei fazer no bairro um trabalho com o pessoal de fábrica. A gente se encontrava fora da fábrica e discutia, já como Oposição. Eu nunca falava em assembleia mas depois de 74 a gente viu que o pelego ficou mais intransigente e eu achei que era o momento de falar em assembleia. Devido à reação que cria o próprio pelego em cima das intervenções, procurando sempre manobrar em cima delas.»

P — Como é que é a história da Oposição a partir dessa época?

R — A partir de 68 eu comecei a perceber mais de perto como é que a oposição estava atuando. Ela atuava de forma não muito organizada e a gente, na fábrica, só conhecia alguns elementos da Oposição. E nem toda fábrica tinha um elemento da Oposição, o que dificultava e ainda dificulta o trabalho. A Oposição eram alguns elementos em fábricas longe uma da outra. A participação não era acirrada como está agora. Era muito difícil fazer uma assembleia em termos de Oposição. E quando fazia não era com muita gente. A Oposição atuava com muita dificuldade.

Em 1970 Santo foi despedido da Metal Leve por ser da Oposição Sindical, onde participava ativamente. Ele e mais oito companheiros organizaram uma operação tartaruga no setor de transportes, exigindo aumento de salário e adicional de insalubridade. O patrão, descobriu que ele era o líder, o mandou embora. Todos os outros ficaram.

P — E você já homem da Oposição Sindical numa fábrica nova?

R — «O primeiro passo foi sindicalizar muita gente. Eu sempre procurei mostrar a necessidade de participação no Sindicato, único órgão que representa o trabalhador.»

«Sendo sócio, a gente pode fazer oposição e mostrar que a diretoria não corresponde»

órgão oficial e dentro disso aí a gente explica a necessidade de ser sócio. Sendo sócio a gente pode fazer Oposição e mostrar que a diretoria que está dirigindo não está correspondendo aos interesses dos trabalhadores. Mostrando, por exemplo, as falhas que têm ocorrido em termos de campanha salarial. O pessoal acaba achando que é preciso se filiar pra poder engrassar as propostas da Oposição, para modificar a diretoria.»

P — E nessa época toda, como era a relação de vocês com a diretoria do Sindicato?

R — «Inicialmente, meu relacionamento com o Joaquim foi bom. Em 75 a gente tentou formar uma chapa que não saiu e ele já sabia que eu estava na chapa. A gente inclusive fez reunião no próprio sindicato, ele foi lá... choriçou. Agora a gente tornou a formar uma chapa de Oposição e ele sabe que nós temos uma atuação em termos de Oposição. Ele de certo tempo para cá, começou a fechar muito as informações. Até 73 ele não sabia que eu era da Oposição, ele era mais aberto. Na época, 70, 71, 72, eu

«Sindicato não é um fim, é um meio de participar das coisas, de modo organizado.»

andei muito com o Joaquim por aí. Já como Oposição, mas andava pra ver como é que ele fazia. Em termos de sindicalistas eles (a atual diretoria) são muito espertos. Você sabe, pelego é fogo mesmo, não abre as coisas. Depois de 75 eles isolaram mais. Se a gente pede informação eles dão o mínimo.»

P — O que são as Oposições Sindicais pra você?

R — «A Oposição Sindical pra mim é um grupo de companheiros que não está contente com a situação atual, tanto política como com a atuação do Sindicato. E que acha que deve realmente fazer uma oposição pra tentar uma melhora.»

P — Uma melhora do tipo Lula?

R — «Não, uma melhora pra melhor ainda... ter posições mais concretas. Acho que o Lula ainda deixa alguma brecha. Você vê um Lula que está dentro do Sindicato, está trabalhando. Na área sindical do Lula tem uma gama de companheiros bastante combativos. Mas a gente acha que o Lula ainda não criou um Sindicato da empresa pro Sindicato, quer dizer, da base.»

P — Para a Oposição, o Sindicato é um fim?

R — «Não é um fim. Acho que o Sindicato é um meio de começar a participar da coisa. Pode até não chegar a acontecimentos mais

expressivos, mas para mim é uma forma de participação e organização.»

P — Como é que o Joaquim consegue se manter no Sindicato?

R — «Mantendo o controle sobre as eleições. Como presidente ele dirige todo o processo das eleições. Tudo que se faz tem que passar por ele. Na época em que a gente registrou a chapa foi ele quem recebeu o registro: abriu e fechou. O prazo de impugnação ele abre e fecha. Ele centraliza a campanha e pode colocar nas mesas e nas urnas mesários da confiança dele. Ele inclusive falou que não ia dar mesário pra gente «pra sair um negócio democrático». Quem detém a máquina, ganha.»

P — O que as Comissões de Fábrica deveriam fazer para melhorar o nível político do operariado?

R — «Elas têm que montar discussões em termos da situação atual que aí está. Os grupos hoje

«O papel das Comissões é elevar o nível político dos outros companheiros...»

discutem semanalmente ou a cada 15 dias. Com os companheiros dos grupos a gente fala que eles também são responsáveis para elevar o nível dos demais companheiros.»

P — O que é liberdade sindical para você?

R — «Desvinculamento do Sindicato do Ministério do Trabalho, contratação coletiva, livre negociação entre patrão e empregado e direito de greve.»

P — Quais são as reivindicações principais hoje, tanto para a classe operária, quanto para outros setores da sociedade?

R — «Para a sociedade em geral, seria uma Constituinte onde toda população pudesse participar dela; cada classe terá de ter sua parte assegurada. No caso do operário, é o problema econômico e a liberdade de organização.»